

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 131	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	11 DE AGOSTO 1882	LISSOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-	-		Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	-	-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-	-		

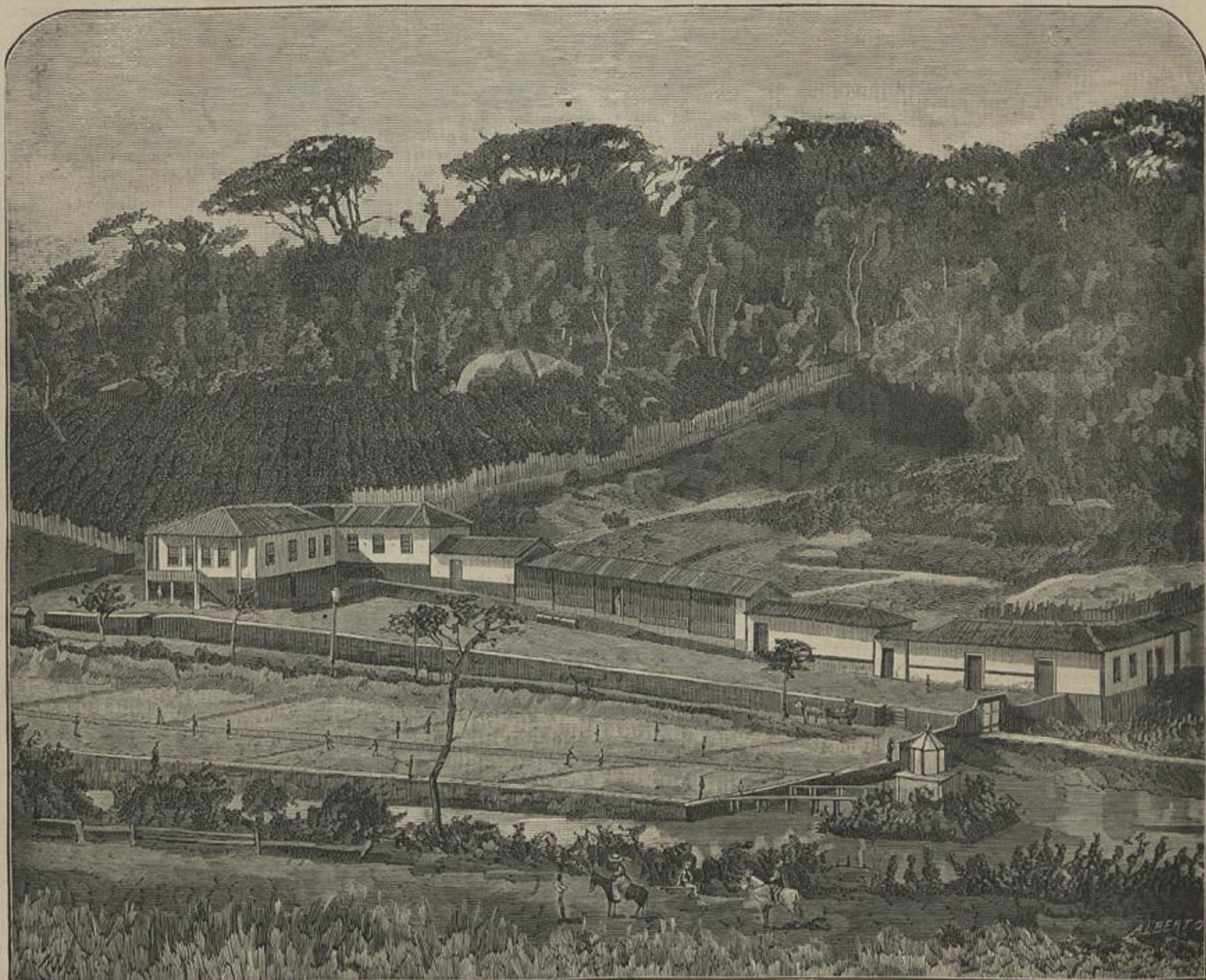
SUMMARIO

TEXTO — Chronica Occidental, GERVAÑO LOBATO — Successos do Egypto, R. — As Nossas Gravuras — Obras Publicas em Cabo Verde, B. — José Lourenço da Luz R. — O Theatro da Rua dos Condes, MAXIMILIANO DE SEVEDO — Recordações d'Aveiro, MONTEIRO RAMALHO — Visconde de Algés, GHAÇA BARRETO — Exposição Retrospectiva de arte ornamental, em Lisboa, R. — Publicações.

GRAVURAS — Brazil — Fazenda do Macaco Branco na provincia de S. Paulo — Successos do Egypto. Alexandria, Matança na rua das Irmãs, em 11 de junho de 1882 — Arabi-Pacha — Aveiro, rua do Caes e da Alfandega na Ria — Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental, em Lisboa, Lampada da capella da Universidade de Coimbra, Cofre de prata dourada, pertencente a Real Academia de Bellas Artes, Tinteiro do seculo passado — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

O espectáculo mais estranho, mais curioso e ao mesmo tempo mais desconsolador, a que se pôde assistir no Minho, é com certeza aquelle a que assistimos no dia 2 do corrente, no alto do Bom Jesus do Monte, a peregrinação ao Sameiro. Não se pôde imaginar de longe o que ha de extraordinario e de pittoresco, e de antigo, n'essas



BRAZIL — FAZENDA DO MACACO BRANCO NA PROVINCIA DE S. PAULO, PROPRIEDADE DO SR. JOAQUIM LOPES COELHO
(Segundo uma photographia de Henrique Looze & C.ª)

120

romarias religiosas que o velho fanatismo oppõe com uma solemnidade magestosa, a essas peregrinações modernas e civilizadas, que a idade nova creou e que se chamam cortejos civicos.

A enorme procissão que vimos serpenteando toda a serra do Sameiro, rojando-se estúpida e fanaticamente aos pés do clero triumphante, dominante e omnipotente, atirando servil e humilde, para o cofre já bem cheio da santa milagreira, o pão de seus filhos, arrancado dia a dia n'um labutar incessante, ao trabalho despedaçador dos campos, é perfeitamente a antithese d'essas gloriosas e alegres procissões civicas, que vimos correr as ruas de Lisboa, nos dias memoráveis e festivos, em que Portugal commemorava os seus grandes homens, Camões e Pombal.

Aqui o povo fazia parada de todas as suas forças intellectuaes e civicas, as industrias, as artes, as sciencias, a agricultura, as letras, todas as grandes estrophes luminosas da epopéa do trabalho, desenrolavam-se pela cidade em festa como uma hossana colossal a esses sublimes mortos immortaes: ali o povo ignorante, estúpido, escravizado, entregando o seu livre arbitrio, o seu espirito, a sua sua alma, o seu corpo, nas mãos ambiciosas d'um clero intolerante e intransigente, vae arrebanhado por freguezias, capitaneado pelos seus parochos, que o governam com a velha rhetorica aterradora das caldeiras do inferno, do chumbo derretido, e dos milagres comprados a dinheiros, de leguas em leguas, deixando o arado, o trabalho, o pão, os filhos, trepando serras enormes, por um sol caustico, que queima e mata, cantar ladainhas, deixar a camisa e buscar a insolação aos pés d'uma imagem bonita, com que o paganismo ultramontano explora agora as algibeiras pobres d'esse forte e bom povo, para quem é ainda letra morta a carta do A B C.

Como espectáculo não o ha mais pittoresco que essas romarias vistas do alto da serra, esse *retour á l'antique* presenciado d'um hotel confortavel, onde a sciencia da hospitalidade moderna poz todas as suas commodidades; como estudo social não o ha mais dosconsolador, como symptoma não o ha mais ameaçador e terrivel. O pintor teria alli uma bella paisagem excentrica, o pensador uma triste pagina d'istoria, um capitulo antigo que inutilisa todos os planos risonhos dos paragraphos brilhantes, que os utopistas pensam em intercalar na chronica portugueza do seculo XIX.

Nós em Lisboa, pensamos, discutimos, legislamos, sem saber o que vae por essas provincias fóra, sem nos lembrarmos que a civilização que tanto apregoamos, quasi que não sae das nossas barreiras, que a luz em que tanto se falla não allumia para fóra dos muros da cidade, e que não se pode pensar, em reforma alguma politica, sem começar por essa reforma urgente e difficilima, a reforma da instrucção popular, e que para termos bons ministros e bons legisladores, precisamos primeiro que tudo de ter bons e muitos mestres d'instrucção primaria.

Emquanto isto não se fizer, todos os brilhantes ideaes modernos se aniquilarão ante as idéas antigas que dominam todo o paiz, toda a luz da civilização desfazer-se-ha ante a immensa treva de fanatismo, que innunda como uma negra onda enorme as nossas pequenas cidades, as nossas villas, as nossas aldeas.

Nós gritamos contra o jesuita, contra o ultramontano, enxotamol-o dos muros das nossas cidades grandes, mas não nos lembramos que elle expulso d'aqui, vae para a aldeia, para a villa, para o campo, onde é muito mais nocivo e que ali longe de nós, á sombra da nossa indiferença, empolga, disciplina, fanatiza o grande exercito dos ignorantes, em quanto o pequeno regimento dos illustrados se anniquila e se desfaz nas luctas mesquinhas da politica pequenina, do tira-te d'ahi tu que é para eu para lá ir.

Mas que demonio! eu não fui ao Bom Jesus para salvar a patria, e por este caminho estava muito arriscado a qualquer dia acordar, com uma intimação á cabeceira, para comparecer nos bancos do poder, a tomar o leme da nau do estado, prestes a dar a pique nos baixios dos procellosos mares da politica. E eu que nem sequer tinha geito para timoneiro no pequeno barco do lago do Bom Jesus, era muito capaz de fazer n'essa famigerada nau o papel triste de qualquer estadista portuguez, e por emquanto sinto-me muito pouco disposto para isso.

Nada, deixemos em paz as considerações philosophicas sobre os destinos do paiz tristemente symptomatizados na peregrinação do Sameiro e vejamos apenas o lado pittoresco d'essa sacra romaria.

O conselho de Villa Verde sentia-se ha tempos envergonhado por não ter ainda feito a sua

visita em forma á Senhora de Sameiro, de não lhe ter levado ainda a sua esmola, quando já a maior parte dos concelhos visinhos tinham lá ido deixar a sua *carte de visite* e os seus centos de mil réis.

O arcepreste de Villa Verde convocou os parochos das 59 freguezias do concelho, a peregrinação planeou-se e no dia 1 do corrente das 11 para as 12 da noite quasi toda a população de Villa Verde sahia de sua casa, com os seus factos domingueiros, e o seu farnel minhoto embrulhado no lenço e mettia pernas a caminho, um caminho de leguas, e ás vezes por serras e encruzilhadas levadas do demonio, com a alma alegre e o estomago vazio, para commungar em Braga ao romper de sol.

As 6 horas reuniu-se tudo n'essa pequenina Roma de Portugal, commungou, e depois poz-se logo em marcha para o Bom Jesus, cada freguezia com o seu parochos á frente, e quatro philarmonicas de Villa Verde, sementeas pelo cortejo, alegrando-os com a sua musica estridente.

As sete horas, do alto do Bom Jesus, começou-se a gozar esse espectáculo singular e curioso. Na vasta planicie que se estende aos pés da frondosa montanha, desenha-se em zig-zags brancos, aqui e ali perdidos entre o arvoredo, o caminho que vem de Braga.

De repente essa linha branca desapareceu, uma massa enorme de povo, que cá de cima fazia o effeito d'um carreiro de formigas, marchava por ali acima, pausadamente, enchendo os echos da serra, com uns cantos frescos, novos para os nossos ouvidos, intervallados de *Kyries eleisons*. Eram as estrophes do hymno da Senhora do Sameiro, que os romeiros cantavam nos espaços da ladainha. Esse hymno feito em Roma, é pequeno, gira apenas sobre quatro notas, mas tem um certo tom heroico que não deixa de ter encanto. A immensa serpente negra que se desenrolava por aquelles immensos campos, foi-se aproximando, as vozes ouviam-se mais de perto, o canto tornava-se mais distincto.

Ao lado da colossal procissão caminhavam apressados, em carros, em cavallos, em americanos, os numerosos curiosos que vinham de Braga, e das proximidades assistir a essa festa.

A procissão parou ao pé do monte do Bom Jesus, e depois começou a galgar o enorme escadorio, fazendo a via sacra das capelinhas onde judeus hediondos martyrisam o Christo e a estatuarria, e por fim ao chegar cá acima, alastrou-se pela esplanada do monte, emquanto os parochos e os fieis que o pequeno templo comportava, entravam em Bom Jesus a depositar a offrenda de 80 mil réis, não querendo de todo ficar mal com o Bom Jesus, que no fim de contas, é sempre, como me disse um ecclesiastico bracarense, muito intelligente e muito engraçado, uma devoção chronica de Braga, que subsiste mais ou menos com as devoções agudas, que atacam amiudo aquelle povo, como o está actualmente atacando a Senhora do Sameiro, e como em tempo o atacou o fradinho.

A historia dos milagres em Braga é curiosissima e tirámos os nossos apontamentos para um dia a fazermos, talvez aqui.

Emquanto os peregrinos descansavam no Bom Jesus, nós almoçamos no Grande Hotel, e ali havia tambem uma festa notavel. O Matta, o grande Matta, o rei dos cosinheiros, fóra n'esse dia ali fazer, em honra dos hospedes do Grande Hotel, o seu celebre bacalhau, para o almoço.

Esse bacalhau levou uma segunda romaria de Braga ao Bom Jesus. Dois pratos de bacalhau diferentes e deliciosos, e uma original e magnifica caldeirada de beefs, valeram uma ovação ao velho Matta, emquanto o José Pereira dava lá fóra, aos peregrinos do Sameiro, o signal da partida.

E elles lá foram galgando a matta do Bom Jesus, e depois a grande serra do Sameiro calva, como eu, ou como o meu collega Eduardo Coelho, pelo sol mais ardente que este anno tem escaldado Portugal, até á pequena capella da milagreira imagem.

Ahi um padre rapaz ainda, intelligente e verboso, fez ao ar livre uma allocução ao povo, na capella cantou-se uma missa, e depois a peregrinação dispersou, invadindo toda a Matta do Bom Jesus, sentando-se ás sombras das arvores, entulhando as alamedas, as mulheres formando rodas em que se cantava a plenos pulmões o hymno do Sameiro, as philarmonicas tocando marchas atroadoras.

E então os farnéis desembrulharam-se, o arroz amarello e os salpicões luziam nas travessas de barro, os cangirões de vinho verde despejavam-se como copos de licor, as roscas do pão do Minho, desapareciam dos tableiros, o pão de ló amarello com laranjas parecia que se des-

fazia ao sol, e durante muitas horas, o Bom Jesus do Monte convertido de repente n'um arraial enorme apresentava o mais pittoresco e movimentado panorama.

De repente uma nota triste veio pôr lugubre ponto final n'aquella festa.

Uma mulher teve uma syncope, lá em cima ao pé dos carvalheiros, dois homens perderam os sentidos, e um pobre diabo, perdeu a vida, ali instantaneamente; no meio d'um grupo, que conversava e ria. O sol, o cansaço, o prolongado jejum matára-o de repente.

O Bom Jesus mudou inteiramente de aspecto, os musicos calaram-se, o hymno do Sameiro cedeu o lugar aos gritos despedaçadores, allucinados, da pobre mulher do morto, que subira casada as escadas do Bom Jesus, e agora se via ali viuva, sósinha, ao lado d'um cadaver, que não ouvia a sua voz, a quem não animavam os seus beijos doidos, desvairados.

E pouco a pouco, silenciosamente aquella multidão foi-se dispersando, e d'ali a momentos, da grande romaria ao Sameiro só restava um morto fechado na sachristia do sanctuario e guardado por um policia. O morto era pobre, levára o seu dinheiro todo á Senhora do Sameiro; á tarde os cunhados todos chorosos pediam esmola para o enterro, e ao anoitecer um trem fechado levava para sua casa o pobre peregrino morto.

E aqui tem o epilogo da peregrinação ao Sameiro. Deus sabe porem, quantos mais aquelle sol ardente, aquelle marcha de leguas feita em jejum natural, não deixaria mortos ou doentes.

Depois de escripta esta chronica, lemos n'um jornal de Braga que uma peregrina do Sameiro enlouquecera no caminho.

Não seria justo, urgente, que o ministerio da justiça interviesse n'estas romarias, não queremos já em nome da civilização, mas em nome da saude publica? Não seria um dever das autoridades supremas da igreja prohibirem estas doentias peregrinações, que na duvida de salvarem as almas, vão matando os corpos?

Os pobres perigrinos, ignorantes, fanatisados vão ali deixar a saude, e o dinheiro, porque os seus parochos lá os levaram, elles são inconscientes, são irresponsaveis, urge que se exija a esses parochos todas as responsabilidades, e que obrigem a respeitar e a cuidar não só da vida futura das suas ovelhas mas tambem da vida presente.

Adore-se muito embora os santos que se queiram, façam-se perigrinações, mas façam-se de modo, que no alto do Sameiro em vez de se encontrar a salvação provavel, não se encontre a morte e a loucura

Gervasio Lobato.

SUCCESSOS DO EGYPTO

I

As recentes sedições do Egypto, a figura que um official, aliás distincto, Arabi-pachá n'ellas tem representado, a carnificina exercida ha dois mezes nos europeus em Alexandria, o bombardeamento d'esta cidade pela esquadra ingleza, o desembarque das forças d'esta nação n'ella, e os mais movimentos que se lhe seguiram, obrigam-nos a historiar, ainda que succintamente estes acontecimentos, procurando fazer conhecer dos nossos leitores estes factos recentes, e o motivo porque elles interessam á maior parte dos povos da Europa, sendo nós de certo o segundo na ordem directa d'esse interesse.

Deixando o papel que o Egypto representou na civilização antiga, pondo de parte toda a importancia que teve durante a idade-media, e até a acção que pelos principios do seculo XVI exerceu na Asia, excitando, e alimentando a lucta entre algumas nações indianas e os portuguezes, que n'ella intentavam plantar o christianismo e tomar a maior parte no commercio dos seus productos, é certo que no principio d'este seculo, depois de um largo periodo mais ou menos notavel, o Egypto tornou a entrar na scena do mundo.

Napoléon Bonaparte, então ainda general da republica franceza levou os seus exercitos ao Egypto, com intenção de estabelecer ali uma colonia d'essa nação, para o fim de ir cortar no Oriente a influencia ingleza. O estado da França reclamando a sua presença, impediu pelos successos subsequentes que elle seguisse o seu projecto. Os inglezes quizeram depois substituir os seus rivaes, (março de 1807) mas apenas se demoraram, no Egypto, seis mezes.

Algum tempo depois, por causas que nos não interessam agora, uma revolução á frente da qual

se collocou um homem que deixou nome famoso, Mehemet-Ali, fez com que o Egypto adquirisse uma quasi independencia, ficando Mehemet-Ali chefe do seu governo, reconhecido por alguns decretos ou hatt-cherifs do sultão da Turquia, o ultimo dos quaes de 21 zelhedji 1256 (13 fevereiro 1841) reconhecia de novo a hereditariedade do seu governo, segundo o costume da Turquia e sob certas condições.

Este grande homem, pae do não menos famoso general Ibrahim-pachá, foi por 1848 atacado de demencia pelo que foi o governo incumbido a Ibrahim, que falleceu a 10 de novembro d'esse anno, sendo por isso d'elle encarregado o filho d'este, Abbas-pachá. É notavel que tendo Mehemet-Ali oitenta e tres filhos, apenas existiam quatro na occasião da sua morte!

Fallecendo Mehemet-Ali, no Cairo a 2 d'agosto de 1849, succedeu-lhe aquelle seu neto, cujo governo durou apenas cinco annos, pois deixou de existir de 12 para 13 de julho de 1854, segundo se crê, assassinado por dois de seus mamelucos. Este principe, com quanto bem educado, encetou o seu governo annullando e abrogando muitas das medidas e regulamentos de seu avô, exercendo um poder despotico, prendendo muita gente sem motivo urgente, e degradando centenares de pessoas para a Nubia e outras partes. O seu governo não foi muito favoravel ao Egypto.

Por sua morte succedeu-lhe seu tio Mohamed-Said-pachá. Apenas empossado do governo fez Said pôr em execução as medidas adoptadas por seu illustre pae, fazendo continuar o Egypto na senda do progresso e convívio da civilisação europea, que por aquelle tinha sido introduzida no seu paiz.

Foi durante o seu vice-reinado que succedeu um dos factos mais notaveis do mundo moderno, isto é a empreza do canal de Suez. Já Mehemet-Ali emprehendera trabalhos d'essa natureza, e a elle deve o Egypto algumas legoas de canal.

Em 1854, um homem, que então foi tido por visionario e louco, e que hoje o mundo inscreve na lista dos nomes dos seus mais benemeritos, Fernando Lesseps, organisava uma companhia para a abertura d'aquelle canal.

O vice-rei, prometteu o seu apoio ao distincto engenheiro, e effectivamente, por esse meio e outras influencias foi obtida do sultão da Turquia, como suzerano, a concessão definitiva da empreza por um *firman* de 5 de janeiro de 1856.

Feitos alguns preparativos e estudos, procedeu-se á emissão das respectivas acções a 5 de novembro de 1858. A 22 de abril de 1859 começaram os trabalhos, que, apesar das contrariedades do clima, das opposições da Inglaterra, desdens e epigrammas de muitos espiritos tacaños, obceçados ou facciosos, foram continuados e proseguídos tenazmente durante dez annos.

O illustrado vice-rei, que tanto auxiliou o notavel engenheiro francez, não pode ver concluido aquelle emprehendimento pois falleceu a 18 de janeiro de 1863.

Segundo o costume turco, succedeu-lhe seu irmão Ismail-pacha, o mais velho dos filhos então ainda existentes de Ibrahim. Este principe que nasceu a 26 de novembro de 1816, bem educado, muito dado aos usos e civilisação da Europa, continuou a protecção de seu tio com relação ás obras do canal.

Era porém muito amigo do fausto, gastando muito dinheiro em construir palacios sumptuosos e fazendo outras despesas, que as finanças, um tanto acanhadas do Egypto, não podiam comportar, e que mais cedo ou mais tarde deviam comprometter a ellas e a elle.

No entanto durante o seu vice-reinado deram-se dois factos muito notaveis. O primeiro foi em maio de 1866 o sultão declarar finalmente independente, salvo uma certa suzerania, o pachá do Egypto com o titulo de alteza e de Khediva, o qual dando-lhe um certo caracter espirital lhe permittiu alterar o costume turco, introduzindo no Egypto a hereditariedade da successão na sua familia, pela linha directa, como nos outros paizes da Europa. Desde então uma assembléa de representantes do paiz intervem na vida publica, semelhantemente aos parlamentos europeus, a qual reune cada inverno, durante dois mezes.

Tres annos depois dava-se o outro facto capital concluindo-se os trabalhos da abertura do isthmo de Suez, e o canal, essa obra julgada impossivel e até prejudicial, e que tantos amargores custára ao seu auctor, era inaugurado solemnemente a 17 de novembro de 1869. Todos se recordam ainda da magnificencia d'esse acto brilhante a que foi presidir a ex-imperatriz dos francezes, a bellissima Eugenia, hoje viuva, e chorando a perda de seu unico filho. Mal diria ella que d'alli a um anno o throno,

onde se ostentava deslumbrante e soberana, lhe fugiria debaixo dos pés, como uma pouca de areia movediça ou um punhado de cinza resferiada que um leve sopro de vento dissipa e espalha. R.

AS NOSSAS GRAVURAS

FAZENDA DO MACACO BRANCO

A vasta provincia de S. Paulo, no Brazil, a primeira colonizada pelos portuguezes 32 annos depois da descoberta do Brazil em 1500 por Pedro Alvares Cabral, e a primeira tambem onde se levantou o grito de independencia 300 annos depois, é uma das mais importantes provincias d'aquelle imperio, e onde muitos portuguezes tem ido procurar fortuna, embora lutando com as ardencias do clima, com as molestias endemicas do paiz, com as fadigas de um trabalho penoso e continuado. O sr. Joaquim Lopes Coelho, natural de Louzã é um d'esses portuguezes que deixando a sua patria para empregar a sua actividade e intelligencia em paiz que melhor lhe compensasse os seus esforços, os tem visto coroados de bons resultados, auferindo bom proveito das suas fadigas e sendo ao mesmo tempo util á sociedade.

A prova mais indubitavel d'esta asserção é o desenvolvimento que o sr. Coelho tem dado em poucos annos á sua *Fazenda do Macaco Branco* em Campinas, que ainda em 1877 era uma propriedade arruinada e desprovida de todos os beneficios do progresso e hoje é uma das mais importantes d'aquelle provincia.

Esta fazenda abrange uma grande extensão que o sr. Coelho povouo com 20:000 pés de café fóra os que já existiam, construiu todas as dependencias necessarias, como casa de habitação, terreiros, senzallas para os escravos, tulhas para café, casa de machina que montou da força de oito cavallos, para beneficiar o café, parques ajardinados e muitas arvores de fructos, tornando-a emfim uma propriedade importante a todos os respeitoes.

Uma circumstancia, porém, se nos apresenta mais digna ainda de se mencionar e é a educação que o sr. Coelho tem dado aos seus escravos, instruindo-os e tratando-os de modo pouco vulgar.

Hoje que a escravatura está abolida no Brazil, ainda que para ficar livre tenham de decorrer alguns annos, já alguns proprietarios d'aquelle imperio a estão abolindo de facto, dando uma nova direcção ao elemento servil, banindo os castigos barbaros e rigorosos que ainda tivemos occasião de presenciar, castigos inquisitoriaes que mais embruteciam o preto e mais lhe acendiam o odio contra o branco e senhor, substituindo esse systema de ensino irracional, pela escola, pela moral, despertando no preto os brios do homem civilisado, fazendo-lhe sentir as necessidades da vida, para que elle melhor comprehenda a necessidade do trabalho.

O sr. Joaquim Lopes Coelho é um d'esses proprietarios que melhor comprehenderam a missão que lhe estava reservada na transição do elemento escravo para o elemento livre, e d'este modo tem educado os seus escravos, fazendo-lhe sentir o menos possivel a sua condição, a ponto do escravo olhar o seu senhor mais como um amigo do que como um verdugo.

Que este exemplo seja largamente seguido e o sr. Coelho terá a satisfação de ter sido um dos primeiros a concorrer para a emancipação moral do escravo.

AVEIRO — RUA DO CAES E DA ALFANDEGA
NA RIA

Com respeito a esta gravura veja-se artigo *Recordações d'Aveiro* do numero antecedente.

JOSÉ LOURENÇO DA LUZ

(Conclusão)

Pela época da conclusão do seu concurso havendo sido Mousinho de Albuquerque nomeado provedor da casa da moeda e aproveitando esta posição, abriu n'este estabelecimento, ainda que com algum custo, um curso de physica e chimica. Todos os moços intelligentes correram a ouvir as lições do moço e sabio professor; José Lourenço da Luz, não perdeu esta occasião de alargar os seus conhecimentos.

Logo em seguida, 1826, já era tão considerada a sua intelligencia que era nomeado lente de chimica-cirurgica e operações na escola de que fóra filho e de que havia de ser uma das mais eminentes illustrações.

Veja-se o n.º 99 do OCCIDENTE, onde foi publicada a gravura que representa esta ponte, acompanhada do respectivo artigo descriptivo.

Estudando assiduamente e dando ao magisterio a actividade e consciencia do cumprimento do dever de que era dotado, consegue introduzir novos methodos, inculcando no espirito dos discipulos o elemento da observação, tão necessario, em todas as sciencias experimentaes.

As operações cirurgicas mais difficeis e complicadas, foram por elle executadas com rara pericia, conseguindo a fama do primeiro operador portuguez. Esse talento e essa inclinação eram então muito mais raros que hoje, mas nem porisso lhe deve pouco o paiz, por elle tornar conhecidos os mais importantes instrumentos cirurgicos e praticar as mais delicadas operações.

Já nos ultimos annos praticava operações com o maior arrojo, sem auxilio, e nas condições mais difficeis e é citado como sendo o primeiro que em Portugal praticou a laqueação da arteria iliaca externa.

Não era isso ainda sufficiente; congregando-se com os seus collegas, lentes da antiga escola, logo depois de estabelecido definitivamente em 1834 o regimen liberal, consegue fundar um periodico scientifico, que em breve se tornou orgão da sociedade das sciencias medicas, cujo fundador foi com outros seus collegas, e da qual mais tarde foi um dos vinte socios honorarios, honra assaz merecida, por ser um dos cirurgiões portuguezes mais notaveis d'este seculo.

Depois de ter conseguido esta consideração elevada, veio a politica, não sabemos, se para bem, se para mal seu, tental-o com as seduções do seu viver pugnaz.

Ao principio entrou na vida publica como vereador da camara municipal de Lisboa, da qual pouco depois foi presidente.

Amigo e partidario do governo do conde de Thomar, se lhe prestava todo o concurso da sua actividade e intelligencia, não deixava de procurar introduzir ordem, regularidade e melhoramentos na repartição a seu cargo. Assim conseguiu, a custo, melhorar a escripturação e fazenda municipal. A reforma dos cemiterios estando então o dos Prazeres devasso e como que a monte, foi um dos seus mais instantes cuidados.

Tudo quanto obrou n'este e em outros ramos de serviço publico, era objecto para largo estudo e falta-nos o espaço e tempo.

Diremos rapidamente que conseguiu a organização de um gabinete de phrenologia na escola medico-cirurgica, para o que ali fez depositar os craneos de Diogo Alves e Mattos Lobo. Ao cabo de annos de lucta pôde obter o estabelecimento de um hospital de alienados no antigo convento de Rilhafoles, d'onde o duque de Saldanha fez, para esse effeito, remover o collegio militar.

Fez levantar o conceito do Banco de Portugal decahido e abatido, por meio de uma commissão de inquerito parlamentar, uma das primeiras que se nomearam em Portugal, e que tão proficua foi ao credito d'aquelle estabelecimento. Como se vê era então deputado, como o foi desde 1845 a 1851, e conhecido por um dos mais estrenuos defensores do governo de então, e por um dos membros mais importantes e sizados d'esse partido.

Em 1861 por carta regia de 17 de maio foi elevado ao pariato, tomando posse e prestando juramento em sessão de 20. O seu estado de saude não lhe permittiu prestar na camara alta, os serviços que prestára em tempos anteriores na dos deputados.

Não faltaram por então as invectivas, os doestos, os apodos, cortejo que acompanha sempre no nosso paiz os que se tornam distinctos entre os seus conterraneos; José Lourenço da Luz foi ainda enfermeiro-mór do hospital de S. José, e director d'aquelle mesma escola medico-cirurgica de Lisboa, onde se estreára, empregado humilde, e á qual deu todo o lustre da sua intelligencia, e todos os afans da sua actividade.

Os ultimos annos da sua vida tão cheia e tão activa foram-lhe tristes. Uma doença de estomago, que o obrigou a uma dieta rigorosissima durante vinte annos, enfraqueceu aquella organização robusta, embora lhe prolongasse a vida. O fallecimento de um filho querido, e ultimamente um amolecimento cerebral, foram pouco a pouco minando o que ainda restava d'aquelle eminente vulto que tão proeminente se havia tornado. Os seus ultimos dois annos foram uma agonia lenta, mas crua.

A lucta da vida respeitara o homem eminente, a consumpção da natureza extinguiu o que restava d'esse varão notavel, entre os notaveis do paiz a 13 de julho ultimo.

José Lourenço da Luz casara com D. Carlota Joaquina da Silva pelos annos de 1828 e d'esse matrimonio deixa alguns herdeiros do seu nome, um dos quaes é o sr. visconde de Coruche. R.

THEATRO DA RUA DOS CONDES

III

■ Bosquejando no artigo precedente a historia do *pateo* da Rua dos Condes, transcrevi um periodo de uma obra do sr. Theophilo Braga, em que se affirmava ter sido aquelle edificio arrastado pelo terremoto do 1.º de novembro de 1755,

Embora se não encontre no *Commentario latino portuguez sobre o terremoto e incendio de Lisboa*, pelo oratoriano Antonio Pereira de Figueiredo, nem na *Historia universal dos terremotos que tem havido no mundo*, de Joaquim José Moreira de Mendonça, nem tão pouco nas curiosas notas do extravagante poema epico de Theodoro de Almeida, acerca da catastrophe, a

sentações dramaticas nos theatros de Lisboa, segundo se lê na *Historia do theatro portuguez*, do sr. T. Braga, a pag. 361 do 3.º volume.

Passo a expôr os motivos que me levam á contestação.

Entre os *dramas que se representaram com musica no theatro da Rua dos Condes*, e que a Bibliotheca Nacional de Lisboa possui, ha um



SUCCESSOS DO EGYPTO — ALEXANDRIA — MATAÇA NA RUA DAS IRMÃS EM 11 DE JUNHO DE 1882

e que ficára em ruinas até que em 1770 se construiu, no mesmo local e sob a direcção do architecto Petronio Mazoni, o theatro hoje agonizante.

Ainda no anno em que succedeu o grande cataclysmo, foi representado no *pateo*, ou *novo theatro* conforme lhe chamam os libretos das operas, o drama para musica — *Zenobia em Alexandria*.

Vejamos porem o que succedeu depois, e até que ponto é verdadeira a asserção do sr. Theophilo Braga.

noticia de que fosse destruido em 1755 o *pateo* da Rua dos Condes: estou longe de negar o facto, tanto mais por saber que o indubitavel destroço do theatro do Bairro Alto, não vem relatado tambem em nenhuma d'aquellas obras, onde estão aliás ennumerados quasi todos os edificios importantes, tanto publicos como particulares, que foram destruidos pelo terremoto.

O que porem nego, admittida a destruição do *pateo*, é que a construcção do novo theatro fosse feita em 1770, e que durante os doze annos seguintes ao terremoto se não effectuassem repre-

que se intitula — *Le contadine bizarre*. É uma peça *jocosa*, com musica do celebre Nicolau Piccini, mestre de capella, dedicada ás «illustriſsimas e excellentissimas senhoras d'esta corte, e que se representou no theatro da Rua dos Condes no outomno de... 1765.

O libretto não traz o nome dos actores que tomaram parte na representação, mas diz que os bailes da peça eram da invenção e direcção de Angelo Jacomazzi.

É um folheto de 149 paginas, no qual o original italiano é acompanhado pela versão portugueza.

Se não basta este argumento, ainda ha outro pelo qual se prova que Petronio Mazzoni (era este o nome do architecto) não dirigiu a construcção do theatro da Rua dos Condes, em 1770.

Ouçamos o que diz a tal respeito o pintor Cyrillo Volkmar Machado, que viveu nos fins do seculo passado e principio do actual, na *Collecção de memorias relativas ás vidas de pintores e esculptores, architectos e gravadores portuguezes, e estrangeiros residentes em Portugal*, obra muito consultada, posto que não reuna o bom methodo de coordenação e a correcção de estylo, á incontestavel abundancia de informações que possui. A pag. 188 diz Volkmar: «Petronio Manzoni o mesmo que foi depois machinista nos theatros regios, fez o da Rua dos Condes.»

Ora, segundo se pode ver no exemplar que corre impresso do drama lyrico *Il Velogeso*, cantado no theatro regio de Salvaterra em 1769, era Petronio Mazzoni n'aquelle anno o machinista do theatro de D. José.

Averiguado portanto que Mazzoni construiu o theatro da Rua dos Condes, hoje ameaçado de demolição pelo camartello do progresso e do municipio, antes de 1769; e sabendo-se tambem que em 1765 já ali se representavam as *Contadine bizzarre*: pode-se concluir que a construcção se effectuou entre os annos de 1756 e 1765, não se podendo, pelo que averigui, marcar precisamente a epocha em que foi levantada a maravilha architectonica que ainda hoje admiramos na rua Oriental do Passeio Publico.

Nunca se averiguará certa-



SUCCESSOS DO EGYPTO — ARABI-PACHÁ

mente o motivo que determinou a exiguidade das dimensões de algumas partes do edificio.

Sabe Deus quantas vezes no decurso de mais de um seculo, foi esconjurado o cerebrino architecto pelos frequentadores da Rua dos Condes, ao verem amolgados os respectivos chapéos de encontro ás vergas das portas e aos tectos dos corredores, aquelles tectos que de dia para dia pareciam mais baixos, e que produziam impressão analoga á que resente o condemnado do celebre conto de Poe, o *Poço e o Pendulo*, quando vê o terrivel machinismo descendo sempre, sempre...

Ainda assim, muitos *habitués* se contentaram com as medidas arbitradas pelo architecto.

Não resisto ao desejo de transcrever aqui, a opinião que o celebre intendente geral da policia da côrte e reino, Diogo Ignacio de Pina Manique, manifestava a tal respeito em 1792, perante José de Seabra da Silva, tratando de justificar a escolha que fizera da Rua dos Condes para theatro nacional, quando em Lisboa não havia actores em numero sufficiente para formarem duas companhias.

O intendente enumera esses motivos da maneira seguinte:

«Primó, pelo logar em que está situado este theatro e por ter a largueza que é bem manifesta. Secundó, por ser um theatro com todas as commodidades precisas para este trabalho. Tertió, por terem largueza os corredores que dão serventia aos camarotes, para não acontecerem as desordens que de ordinario succedem



AVEIRO — RUA DO CAES E DA ALFANDEGA NA RIA (segundo uma photographia)

n'estes logares. Quartó, por ter diversas saídas para a rua, separadas umas das outras para que, no caso que aconteça haver algum fogo, possam os espectadores sair com facilidade e não succeda o que infelizmente aconteceu no theatro de Saragoça, em que pereceram mais de seiscentas pessoas, por causa de um fogo que houve no mesmo theatro. Quintó, por ter decência a casa onde se vão refrigerar alguns espectadores, para beberem os seus cafés e buscarem outros soccorros que n'ella ha, para remediarem alguns casos accidentaes que succedem n'estes logares.»

Até o café, o celebre salão de S. Marçal provavelmente, merecia os elogios de Manique. Verdade é que os desprezos do intendente se voltavam despedidos contra o theatro do Salitre, cujos corredores eram taes «que se se encontrasse n'elles uma pessoa com outra, uma d'ellas havia de encostar-se á parede e deixar passar a outra que ainda assim o faria com oppressão.»

O commentario que o intendente de policia faz a este facto, na sua linguagem nimiamente séria e burocratica, é delicioso.

«O que pode acontecer, diz elle, em um logar tão estreito e em que concorrem os dois sexos, deixo-o á ponderação de v. ex.»

Mal imaginava Pina Manique, ao escrever isto, que um theatro de largueza tão manifesta, viria alguma vez a ser condemnado, exactamente por lhe faltarem as virtudes que elle lhe reconhecia para o caso de incendio, e encontrando-se os juizes sob a impressão de uma catastrophe analogia á de Saragoça.

Mais adiante citarei novamente aquelle officio, que julgo inedito e que se acha entre os papeis da intendencia geral de policia, hoje recolhidos no archivo nacional da Torre do Tombo.

Maximiliano de Azevedo.

VISCONDE DE ALGÉS

(Continuado de pag. 158)

A *Correspondencia de Portugal* foi, pelo menos desde setembro de 1869, a tribuna em que o visconde expendeu as mais bellas theorias sobre a religião e a liberdade n'um estylo tão formoso como as duas virtudes; até dezembro de 1871 em artigos sob o titulo de *carta de Lisboa*, e de 1872 aos principios de 1877 n'outros com a designação de *revista critica*: especialiso as duas series por se haver já escripto que elle collaborara na secção dos *sucessos*, e para que se lhe não attribuem as idéas que podesse haver exhibido o cavalheiro que a redigia, por serem estas muito differentes das suas.

A' epocha em que nasceu o visconde de Algés, sob color dos direitos hereditarios de dois principes irmãos e rivaes, projectavam os bandos que dividiam a patria essa tremenda campanha, que mais a introduzio no convívio e fóro das idéas modernas do que propriamente vinculou ao paiz os interesses individuaes d'aquelles por quem se alcavam as armas. Não é para aqui julgar da nobreza ou deslealdade, da boa fé ou da ambição com que terçou qualquer d'esses bandos, ou melhor, os seus principaes influentes; nem tão pouco dos meios como se fundou a monarchia constitucional moderna: deve-nos consolar porém que de parte a parte houve ainda brilhantes amostras d'aquelles prodigios do antigo valor portuguez, que porventura escurentam de algum modo as miserias inherentes a todas as luctas civis. O facto essencial é que a Providencia, que sobrepuja todas as grandezas e calamidades, adaptando-as a um fim sempre benéfico e sublime, feriu de morte o absolutismo talvez como em saldo de contas dos seus erros enormes e das suas inultas perversidades: os erros e as perversões da monarchia liberal serão igualmente contados um dia no tribunal invisível e evidente, que em cada seculo parte a vara de Assur, creada no seculo anterior.

N'aquella alvorada de aspirações novas e incongruentes, e no ultimo rebate de antigas tradições, amadas com maior desespero nas vascas da agonia, mais de um excesso deshonrou a dignidade humana, e á mão consagrada que largou o calix do eterno testamento para se poluir no sangue dos semelhantes, respondeu a blasphemias infernal dos que accusavam Jesus como inimigo dos homens. Houve comtudo no seio da contenda entes privilegiados, christãos e homens verdadeiros, ou a quem não contaminou a vertigem, ou nos quaes ella passou tão rapida como pesadello momentaneo: no chaos das trevas mais exteriores e condensadas, a alma d'estes eleitos rebentou em suavissima poesia nas mais vivas e fulgentes estrophes da piedade e tolerancia.

Foi, ora ao clarão sinistro da tempestade politica, ora aos brandos accents d'estas vozes humanitarias, que se formou o espirito e a mocidade de Augusto Carlos de Sousa Azevedo, que este era o nome de familia do visconde. Nasceu de paes christãos, n'uma epocha em que a piedade era ainda em Portugal uma cousa verdadeira, que alevantava os espiritos, sem sê-lo por excepção, e apesar de independente das modas de França, elle encontrou as demasias antigas e recentes do clero ainda de verde corregidas por rasoira cruel e implacavel, que lhe cortara quasi cerce o fio da existencia; nos pretendidos apóstolos, por ousados que fossem, esmorecera o zelo do connubio do altar e do throno por desacreditado; ainda se era christão meramente com o baptismo e com a lição da pequena cartilha em que os fieis todos aprenderam em creanças da voz de sua mãe, ou do ensino dos mestres; e foi-lhe pois facil ser educado christão, conforme as praticas usadas então no ensino religioso das pessoas, que tinham fé sincera, muita fé real de palavras e obras, no termo do Apostolo; muita frequencia e amor da oração e da igreja, dispensando comtudo a alçada dos seus ministros da porta d'ella para fóra, e muito principalmente da porta d'ellas para dentro.

Entrado na Universidade, Coimbra ou qualquer outra cidade do paiz não scismavam ainda nem por longes na possibilidade da existencia do positivismo, que elle havia de definir no requinte do seu espiritualismo como a mancha indelevel da chronica d'este seculo; a Academia quando muito principiava ao de leve a ingerir-se no idealismo dos quattros systemas allemães, vulgarizados nas traducções de Tissot, de Vera, de Barni ou Barchou, ou summariamente intermostrados em expositores incompletos. Augusto Carlos lançou-se com ardor n'estas leituras, e já de si abstracto por indole, derivou das theorias essenciaes das escolas para a sua applicação pratica na religião, na arte e no direito; procurou ajuizar das modificações feitas na doutrina dos grandes mestres pelos innovadores e philosophos menores de Germania, e porventura das consequencias sociaes e religiosas do kantismo e do hegelianismo; e como se ainda não fosse bastante, enfronhou-se nas theses do eclecticismo francez, e da philosophia italiana de Rosmini e Gioberti, dos quaes foi apaixonado leitor e amador, com especialidade do ultimo quanto á esthetica. Tamaña e tão frequente leitura, apezar de comprehendida e digerida, nem fez d'elle um adepto, nem tão pouco extinguiu no seu peito as creanças religiosas, insinuadas na idade pueril com piedade e discrição: era uma tendencia congenita, a que o abstrahia constante n'essas nobres investigações sobre a essencia e o destino humano, apontadas pelo proprio Deus ao estímulo da creatura; uma disposição singularissima de amor e afinidade por essa harmonia longinqua dos mundos impalpaveis, por esse delicioso e eterno paiz dos sonhos, em que o auctor do *Eureka* queria que todos os eleitos possessem uma fé viva como na unica realidade digna!

Um cathedratico educado, e habituado a pôr em tudo, e ao fim de tudo, aquillo a que no mundo convencionalmente se chama a *razão* (*razão* no mundo das idéas ou scientifico, e no mundo pratico talvez *conveniencia*!), esse sabio acostumado a deduzir logica e fatalmente certas e indispensaveis idéas de certos e indispensaveis principios (de ordinario elles porém acceitos *a priori*), acharia bem confusa a philosophia do visconde, uma cousa mal engendrada e ainda peor deduzida, sem methodo nem gravidade scientifica, adubada de um sentimentalismo indefinido, e de uma tecnologia impropria de tão reles embrechado. Se tal philosopho podesse adivinhar que a philosophia era em Augusto Carlos menos uma sciencia que um refinado amor de arte, mais do que isto, uma tendencia intima, e ainda mais, uma embriaguez; e que negando convicto a existencia do mundo real, elle poderia sorrindo desculpar-se com as palavras do Poeta: *il navigar*, ou melhor, *il naufragar m'è dolce in questo mare!* O sabio sorrir-se-hia tambem, mas de compaixão; e em verdade a sua philosophia é de certo menos poesia, mas tem umas consequencias mais praticas e palpaveis, como são a agiotagem, a pena de morte, o absoluto despotismo do imperio, a negação de todo o espirital, e a apothese de todas as concupiscencias!

Estes corollarios é que entrusteciam e desalentavam o animo do visconde, ao dar com tão ruins despropositos ao cabo de tão aturada e embebida averiguação de homens nas causas mais abstrusas e incorporeas: tinha sido o christianismo uma pratica mimosa da sua infancia,

houve então indispensavelmente de amal-o, não só como o ideal supremo, seguro e invulneravel das divagações do seu espirito, mas ainda pelas pesquisas do seu estudo despreoccupado, como a origem evidente dos mais proficuos heroismos e dedicações, recolhidas na historia do mundo; verdadeira razão e fim da sua existencia e do seu incontrastavel progresso.

Taes creanças, por assim dizer meramente individuaes, irromperam comtudo, se é possível mais vivas e manifestas, quando elle como pae foi o primeiro na familia, e como viuvo foi duas vezes educador dos seus filhos: depondo no sepulchro o corpo inanimado da mulher, que sagradamente estremecera, os sentimentos sinceros da sua religião, que era toda um puro amor, foram igualmente suave balsamo e resignação na sua alma, como as outras philosophias que não têm o christianismo por norma e essencia não acertaram nunca de consolar a ninguem! Como se então as suas obscuras tarefas juridicas fossem campo insufficiente ás exuberancias do seu ardor religioso e do affecto do bem, começou com denodo o seu apostolado da verdade no jornalismo: se eu quizesse hoje, d'entre aquellas lucubrações de momento, apontar qual foi o periodo da sua desprestenciosa escriptura que accendeu no meu peito a compunção mais funda, e que me despregou dos olhos as lagrimas mais espontaneas (como agora ao escrever, soluçam de novo em estos de entranhadissima saudade), ao ver o homem duramente experimentado em dores, e superiormente resignado n'ellas, eu não poderia, eu não saberia fazê-lo, tão certas creio eu vibram todas as paginas uma saudavel quietação na magoa de corações infelizes, por scepticos e desalentados que forem. Ouvi o consolo da sua voz, que parece mesmo uma das paginas do infeliz Frederico de Hardenberg, das collegidas por Tieck e Schlegel: «Alguns progressos, todavia, se bem que em tardo movimento, vae fatalmente realisando, por entre as ruinas ainda bellas do mundo pagão, a idéa religiosa, ou antes a idéa christã, ou antes a idéa amorosa, que é o christianismo natural do coração humano. Aqui está, abstrahindo da fé, o criterio para aferir a verdade da religião, cujo divino Fundador celebra hoje em puras alegrias toda a christandade. E' que tão conforme, tão identificada é ella com a natureza do homem, que até os que a não professam, os que positivamente a renegam, não podem apagar os indelevels caracteres em que ella está escripta nas intimas paginas da sua alma. Direi mais, até nas feras que sentem ás vezes quebrar-lhe a rabidez a doce influência da ternura, até nas plantas que não cessam nunca o seu commercio de amor com a terra e com o céo, até no mundo inorganico, que rege a lei de gravitação universal até ahí se encontra a idea christã, que é no meio das attracções amorosas da terra a gravitação universal para o céo. Sendo esta a verdade, não podia deixar de se encontrar, com diferente expressão, em todas as formações espirituas e materiaes da criação; porém só quando chega ao coração do homem se chama amor, como só quando o amor chega á pureza diamantina da charidade se chama christianismo.»

(Continua)

J. A. DA GRAÇA BARRETO.

EPHEMERIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1835. Agosto 11. — São estabelecidas duas *Escolas Normaes*, no ramo de ensino primario, uma em Lisboa e outra no Porto. Foram creadas pelo ministro do reino Rodrigo da Fonseca Magalhães.

1290. — 12. — Bulla do papa Nicolau IV, na qual é approvada e confirmada a fundação da Universidade de Lisboa. Foi depois em 1309 transferida para Coimbra, dando-se-lhe regulamento; em 1338 voltou para Lisboa por determinação de D. Affonso IV que tornou a mudal-a para Coimbra, em 1354. D. Fernando A mudou para Lisboa em 1379, e em 1537, D. João III a transferiu novamente para Coimbra dando-lhe estatutos. Em 1612 teve nova organização e finalmente em 1772 o marquez de Pombal a reorganizou e lhe decretou novo regulamento.

1821. — 13. — Representa-se no theatro de S. Carlos de Lisboa, pela primeira vez, a *Festa da Rosa*, musica de Coccia, sendo desempenhada pelas Tavani e Decapitani, Vaccani, Rosick, Veglia, etc.

Obteve successo extraordinario. Coccia, que havia sido contractado pela empresa Mari, era então maestro-director do referido theatro.

1842. — 13. — Morre em Lisboa o distincto compositor e instrumentista João Domingos Bomtempo, que foi mestre do notavel Miró, auctor da opera *Marqueza* e algumas outras.

A musica de Bomtempo é toda sacra, assemelhando-se um tanto ao estylo de Haendel e Haydn.

Thomaz Oom, nas suas ephemerides musicas, que tão notaveis se tornaram, dá inexactamente como fallecido este compositor em 18 de julho do referido anno. Convém pois rectificar o erro.

Bomtempo nasceu em 18 de dezembro de 1775 e é considerado como o fundador da primeira philharmonica que houve em Lisboa.

1797. — 14. — Morre na real casa de Nossa Senhora das Necessidades, da idade de 72 annos e meio, o insigne polygrapho e sabio latinista Antonio Pereira de Figueiredo.

Nasceu em Mação em 14 de feveiro de 1725.

O seu elogio historico foi recitado em sessão publica da Academia Real das Sciencias, de 20 de feveiro de 1859, pelo socio Levy Maria Jordão. Ali vem consignada a data do fallecimento d'este fecundo escriptor como acontecida em 10 de agosto de 1797.

Quem quizer rectifique o erro de data.

1840. — 14. — Suspendem-se as garantias constitucionaes, e com ellas a liberdade de imprensa, á excepção dos periodicos litterarios e do *Diario das Côrtes e Diario do Governo*.

Esta disposição, depois revogada pela lei de 24 de outubro do dito anno, foi motivada pelos temultos populares, promovidos contra o ministerio Bomfim — Cabral — Fonseca Magalhães. Os motins haviam rebentado na noite do dia 11, dirigindo-se o povo e parte da guarda municipal, ao Arsenal do Exercito, onde arrombaram as portas e se apoderaram d'alguns caixotes d'armamento e correame.

1855. — 14. — Executa-se pela primeira vez, na Sé Patriarchal o grande *Te-Deum* do maestro Guilherme Cossoul. É uma das melhores produções d'este distincto compositor.

1581. — 15. — Morre da idade de 91 annos o architecto João de Castilho.

Foi debaixo da direcção d'este excellente artista que se construiu o mosteiro de Belém e o convento de Thomar, e se restauraram os Paços da Ribeira e as fortificações da praça de Mazagão.

Castilho foi tão grande architecto como insigne engenheiro.

1808. — 15. — Representa-se no theatro de S. Carlos de Lisboa, pela primeira vez, a celebre opera de Marcos de Portugal — *Demofonte* — que foi desempenhada pela Eckart, e por Calderini, Bianchi, etc.

Esta representação é considerada duplicadamente notavel na historia da nossa arte musical, porque, alem de ser uma das melhores produções do famoso compositor portuguez, foi mandada pôr em scena pelo general Junot com o fim de solemnizar o anniversario natalicio do grande Napoleão.

O *Demofonte* tambem foi representado no Rio de Janeiro em 17 de dezembro de 1811, por occasião do anniversario da rainha D. Maria I, sendo desempenhada por Scaramelli (soprano) e outros artistas italianos e portuguezes.

1838. — 15. — Representa-se pela primeira vez, no theatro nacional da Rua dos Condes, a comedia original da Almeida Garrett: *Um auto de Gil Vicente, ou a Côte de El-Rei D. Manuel*.

N'esta peça debutou, no papel de Beatriz, a nossa eminente actriz Emilia das Neves e Sousa, ficando Garrett maravilhado do desempenho da novel actriz, que tão brilhantemente começava na senda espinhosa da arte.

Foi no fim d'esta récita, quando Garrett era chamado pelos mais estrepitosos applausos, que o actor Lisboa, chegando ao proscenio disse:

— «o auctor da peça não se acha no palco, nem em parte alguma, e manda agradecer aos espectadores.»

Este engraçado incidente forneceu assumpto á *Atalaya Nacional dos Theatros*, para, em uma columna humoristica satyrisar a empreza d'aquelle theatro, com a qual andava em rija polemica.

Sabe-se que a empreza do theatro da Rua dos Condes estava então sendo dirigida pelo celebre Emilio Doux, que tinha na imprensa para a defender o *Desenjoativo Theatral*.

A *Atalaya* era a favor da empreza de Francisco Fructuoso Dias, do theatro do Salitre.

1833. — 16. — É extincta a *Mesa de Consciencia e Ordens*, que havia sido creada em 1808.

1710. — 17. — Morre o primoroso escriptor padre Manuel Bernardes, auctor da *Nova Floresta, Luz e Calor, Meditações etc.*

Nasceu em Lisboa em 20 d'agosto de 1644. Convém não confundir este escriptor com o

mavioso poeta Diogo Bernardes, contemporaneo de Camões, e seu emulo. A biographia do padre Manuel Bernardes vem no tomo VII da *Livraria Classica Portugueza* e nos *Estudos Biographicos* de Canaes.

1730. — 18. — Morre o celebre Caetano José da Silva Souto-Maior, conhecido pela antonomasia de *Camões do Rocio*. Morava no sitio onde hoje é o largo de Camões, nome a elle referido, e não ao principe dos nossos poetas, como muitos julgam.

O Camões do Rocio foi juiz do crime do bairro da Mouraria e depois corregedor do bairro do Rocio.

1870. — 18. — E' rescindido o contracto feito em 14 de outubro de 1868 entre o governo e a sociedade proprietaria do theatro da Trindade, que n'aquella data havia tomado a empreza do theatro de D. Maria II. Era então representante d'essa empreza o sr. Francisco Palha.

1584. — 19. — Data em que se presume ter fallecido envenenado, em Guadalupe, o erudito escriptor Frei Heitor Pinto, auctor da *Imagem da Vida Christã*, obra que mereceu ser tradusida em latim, francez, italiano e hespanhol, e muitas vezes reimpressa, bem como os seus celebrados *Dialagos* que o collocam, como moralista, iguaes senão superior, a Frei Amador Arraes.

1840. — 20. — Brilhantissimo serau cantante e musical, dado pelo conde de Farrobo, no seu palacio e quinta das Larangeiras.

A celebre Bocabadatti cantou neste concerto, sendo coroad a pela sr.^a condessa de Farrobo, depois do rondó da Cenerentola.

Foi uma festa verdadeiramente real e digna do faustoso conde, que tanto se esforçou pelo desenvolvimento da arte theatral no nosso paiz, e tão largas sommas despendeu para esse nobilissimo fim.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

DE

ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

XXVIII

Por conveniencias do nosso periodico intercalamos ainda aqui este § que devia entrar mais adiante.

As tres gravuras que hoje damos representam uma a famosa lampada da capella da Universidade de Coimbra, que pendia do meio do tecto da sala M onde tinha o n.º 241 — b. Esta lampada é de prata, como bem se podia vêr, por que foi limpa para vir á exposiçào.

A base é circular e formada de uma serie de figuras como peanha todas lavradas e de bem graciosa composiçào. De em torno d'ella e a distancias eguaes se levantam seis columnas cujo fuste é interrompido ao meio da altura, por uma figura elliptica, fazendo como que de cada columna duas. Inferiormente á base de cada columna ha em cada uma uma especie de pedestal, que resalta da moldura superior da base da lampada, rematados inferiormente por uma especie de pingente. A moldura referida dividida pelas columnas em seis compartimentos é ornada ao meio de cada um pelas armas reaes, e espheras armillares. Da parte superior dos pequenos corpos ellipticos partem para o interior seis arames que seguram uma peça circular, tambem lavrada, a qual sustenta o vaso.

Cada columna é terminada superiormente por uma especie de corucheu ou pyramide e do capitel de cada um parte uma peça curva que as liga á cupula. Esta é de figura semespherica, toda lavrada, e ressaltada por seis peças sobremontadas por corucheus semelhantes aos outros, e a ellas se prendem aquellas que dissemos ligarem a cupula ás columnas.

Sobre a cupula ha um corpo cylindrico que lhe serve de remate, dividido em nichos, terminando superiormente por uma urna formada de folhagens.

Um rendilhado circula a parte superior da base da alampada e a inferior da cupula.

A altura total da alampada é de 1^m,365.

O desenho é elegante, muito bem combinado e o lavrado é muito perfeito.

Esta obra é evidentemente do seculo xvi, como indicam as armas e espheras; o estylo é renascença.

XXIX

O cofre que representa a outra gravura é tambem do seculo xvi, pertence á Academia das Bellas Artes, ignorando nós porém a sua procedencia. Estava tambem na sala M onde tinha o n.º 122.

Fazia-se notar pela simplicidade da composiçào e pureza da execuçào.

O cofre, como se vê da gravura, tem a fórma ordinaria dos cofres. É de prata dourada, divididas as faces interior e posterior e tampa em quatro compartimentos, separados entre si por uma especie de cartào, em cada um dos quaes ha uma figura lavrada em ramo, similhando a forma de um — S — mais ou menos caprichosa.

Quatro anjos de azas estendidas, em pé sobre sendas bases lisas, parecem segurar e ter o cofre suspenso.

Os topos são, cada um dividido em dois compartimentos pelo mesmo cartào, e tendo cada um o mesmo lavrado dos outros.

Sobre a tampa e a meio levanta-se uma cruz singella e lisa cujos extremos dos braços são terminados por um coral. Uma aspa, simples, enfeita o cruzamento dos braços da cruz, tendo cada um dos topos tambem ornado por um coral.

A outra gravura representa um tinteiro tambem pertencente á Academia das Bellas Artes e podia ver-se na sala J, onde tinha o n.º 93.

Não nos demorem os a descrevel-o porque a gravura deixa bem perceber a sua fórma.

É de faiança com alguns enfeites, e apresenta nas faces as armas reaes com corõa, cuja forma bem indica ser do seculo passado, e ter pertencido a algum membro da familia real.

Provavelmente é producto da fabrica do Rato, como muitos outros que se ostentavam na Exposiçào.

(Continúa)

R.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

CHRONICA ILLUSTRADA. Proprietario e director Alberto d'Oliveira, Lisboa. N.º 4 de 16 pag. com numerosos desenhos de A. Keil, Casanova, A. Ramalho, H. Pinto, Monteiro, Marques de Oliveira, Christino, Castaño e Gyrão, e artigos de Moura Cabral, Teixeira Gomes, João de Deus, Avila Moreno, Gomes Leal e Monteiro Ramalho. E' uma publicação muito elegante e feita com um esmero pouco vulgar. Pena é que o meio de reproducção dos desenhos originaes não satisfaça cabalmente.

DICIONARIOS DO POVO. *Diccionario da lingua portugueza*, David Corazzi, editor, Lisboa. — Vae muito adiantada a publicação d'este diccionario de que está publicado até pag. 384 e vae na palavra *Fervura*. Cada diccionario d'esta collecção não custará mais de 500 réis o que é um verdadeiro milagre que o sr. Corazzi conseguiu realisar e um verdadeiro serviço que presta com publicações de livros d'esta utilidade.

NOVO SECRETARIO UNIVERSAL, *Commercial Portuguez ou Methodo de escrever toda a especie de cartas, etc.* 15.ª edição mais desenvolvida que as antecedentes, por M. A. S., editor J. J. Bordo, livraria, Lisboa. 8.º pequeno de 300 pag. As repetidas edições d'este livro é a sua maior recommendação e esta ultima augmentada e em estylo epistolar mais moderno deve continuar a ter grande procura.

SELECTA FRANCEZA, para uso dos Lyceus, compilada, anotada e com numerosas referencias á *Grammatica Franceza dos srs. J. Eduard Von Hafe e A. Epifanio da Silva Dias*, por Bernardo V. Moreira de Sá, editores Magalhães & Moniz. Porto. 8.º de 600 pag. em bom papel e que os seus editores vendem por 1\$000 réis. É um magnifico livro de estudo que a par da escolha dos melhores auctores, encerra muitas noções uteis e de bom auxilio para a educação geral.

ENIGMA



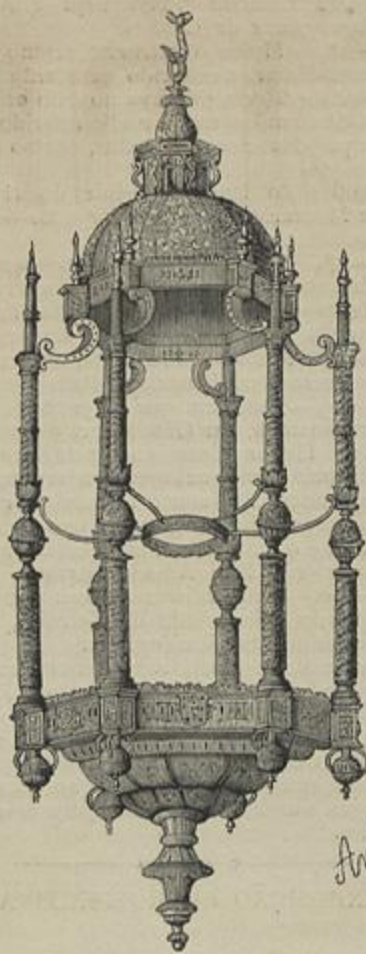
Explicação do enigma do numero antecedente: El-rei D. Sebastião contam era caroavel de cheiros.

PEREGRINAÇÃO DE GHILDE HAROLD, *Poema de lord Byron, traducção do inglez por Alberto Telles, livraria Ferreira, editor, Lisboa.* — Já aqui nos referimos em tempo a esta importante obra, quando o sr. Alberto Telles publicou o primeiro canto d'este poema, e por essa occasião fizemos os louvores merecidos a este importante trabalho, louvores que tornamos effectivos para o segundo e terceiro canto que acabamos de ler, porque o sr. Alberto Telles poz n'elles todo o esmero de uma traducção intelligente e cuidada. Ficam d'este modo avisadas as pessoas que compraram o primeiro canto de que já estão publicados os segundo e terceiro.

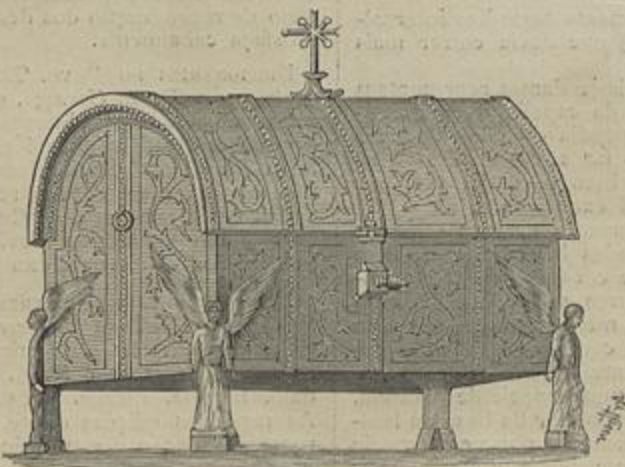
LES PORTUGAIS EN FRANCE, LES FRANÇAIS EN PORTUGAL, par R. Francisque Michel, vice-consul de Portugal. *Avec trois reproduction de sceaux et un fac-simile d'une lettre de Marie de Savoie, reine de Portugal. Paris, Guillard, Aillaud & C.º éditeurs, rue Saint-André-des-Arts, 47, 1882.* — 8.º de v — 285 pag., 1 de rosto, 1 de ante-rosto, e uma com dedicatória ao sr. J. de S. Mendes Leal. — Esta obra, fructo de muito estudo e diligencia do seu auctor, tende a resenhar e conglobar em breve quadro todas as relações contraidas desde o principio da monarchia até hoje entre a nação franceza e portugueza. Assim procura o auctor fazer conhecer todo o movimento de individuos de diversas gerarchias e classes que passaram de uma a outra nação, n'ella residiram por mais ou menos tempo, dando a feição principal de cada um e a maneira como se manifestaram entre os estranhos ou com elles communicaram, e o papel mais ou menos importante que representaram nos successos do seu tempo. O auctor dividiu a sua obra em tres capitulos tratando no 1.º das relações sociaes entre a França e Portugal, no 2.º das relações intellectuaes, e no 3.º das relações commerciaes, seguidos de quatro apendices com algumas noticias interessantes.

O assumpto está bem dividido, bem tratado, e julgados os homens com bastante sizerde e justiça, o que nem sempre succede, a nosso respeito, entre os auctores estrangeiros. Ha de haver lacunas e grandes, porque ao passo que a publicação de memorias e documentos extrahidos das bibliothecas estrangeiras abundam, escasseam, infelizmente entre nós, que possuímos archivos riquissimos, já um tanto devastados por causas naturaes, impossiveis de remediar, e pela pirateria que durante muito tempo se exerceu n'elles, mas ainda preciosos e que estão clamando pela luz, antes que a traça, a incuria, e a acção natural do tempo acabe de os desfazer. Não diremos que a obra do sr. Francisque Michel, apesar dos auxilos de dois homens importantes como seu erudito pae e o nosso antigo amigo sr. Ferdinand Diniz não tenha defeitos, e deva ser lida com certa cautella. Por exemplo o sr. F. Michel, enganando-se com o uso hespanhol, attribue o *Dom*, que entre nós é um titulo de nobreza, e

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE ARTE ORNAMENTAL



LAMPADA DA CAPELLA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



COFRE DE PRATA DOURADA PERTENCENTE Á REAL ACADEMIA DE BELLAS ARTES



TINTEIRO DO SEculo PASSADO PERTENCENTE Á REAL ACADEMIA DE BELLAS ARTES

como tal foi uma das recompensas dadas a Vasco da Gama pelo seu grande feito, a muitos individuos que nunca o tiveram, e até o ajunta ás vezes ao appellido, quando deve ir sempre junto ao nome proprio; algumas vezes os nomes estão um pouco alterados. Entre os nomes dos homens mais celebres que habitaram Paris, vemos omittidos os de Filinto Elycio, Garrett, Barreto Feio, marechal Saldanha, quando o primeiro n'ella residiu cerca de quarenta annos, escrevendo alli a maior parte das suas obras, ensinando francez a homens importantes, entre os quaes Lamartine, que lhe dedicou uma das suas bellas meditações, Garrett que alli escreveu o *Camões*, a mais bella joia da litteratura portugueza depois dos *Lusiadas*, o general Saldanha, depois marechal e duque, tão estimado de Lafayette, e que representou papel importante no movimento liberal de julho de 1830, etc.

Com relação ao capitão Manoel Fernandes Villa Real, e ao seu denunciante o padre fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo, poderia ter consultado o *Summario de Varia Historia*, do fallecido Dr. Guimarães, e que é talvez o estudo mais bem feito de toda aquella colleção, onde acharia preciosos elementos para avaliar aquelles dois individuos. Padeceu o auctor notavel engano, julgando que Gonçalo Nunes, o Bandarra, figurara no mesmo auto de fé, em que foi queimado Villa Real, medeando entre um e outro um seculo, sendo de notar que logo adiante dá certa a data da morte do Bandarra; se tivesse reparado no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, não teria cahido n'este engano. Sem querermos alongar em demasia esta rapida analyse, apenas diremos a notavel equivocação que o auctor sofreu quando a pag. 243 imprime uma satyra portugueza, dizendo que nunca tinha sido impressa, e merecia sel-o. N'isto bem mostra a falta de conhecimento do portuguez pela pratica, pois aquelles versos são indecentes bastante obscenos, conhecidos por muita gente, e nunca poderiam ser impressos senão clandestinamente, versando a sua contextura sobre um equivoco, d'onde deriva toda a offensa á rainha D. Maria de Saboya e sua parcialidade. Muitas

outras observações poderíamos fazer, mas não nol-o permite o espaço de que dispomos. Estas inadvertencias ou equivoccos, em quem escreve longe de Portugal, não conhece a sua lingua e costumes senão pelos livros, não invalidam o valor do trabalho do sr. F. Michel, um dos mais curiosos e sensatos que se tem publicado n'estes ultimos tempos, no estrangeiro, a respeito do nosso paiz.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1883

PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

Profusamente illustrado com gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lythographia

Deve sahir em breves dias este interessante almanach, o mais elegante que se tem publicado em Portugal, e que no primeiro anno da sua publicação teve o successo mais completo.

PREÇO, EM LISBOA, 200 RÉIS

Para as provineias envia-se pelo correio a quem remetter 220 réis em estampilhas á **Empreza do Occidente**, rua do Loreto, entrada pela rua das Chagas, 42 — Lisboa, onde devem ser dirigidas as encomendas.

MUDANÇA

A EMPREZA DO OCCIDENTE mudou os seus escriptorios de Redacção, Administração e Atelier de Gravura, para a RUA DO LORETO entrada pela RUA DAS CHAGAS, 42. Lisboa.